



IDENTIDADE
LUSOFONIA
INTERCULTURALIDADE
COMUNICAÇÃO:

INTERFACES



IDENTIDADE
LUSOFONIA
INTERCULTURALIDADE
COMUNICAÇÃO:

INTERFACES

Organização
Regina Brito
Edson Capoano
Vítor de Sousa

[São Paulo - 2022]

 LÍQUIDO EDITORIAL



Copyright © 2022 Regina Brito, Edson Capoano e Vítor de Sousa, organização.

Todos os direitos autorais dos textos publicados neste livro estão reservados aos autores e foram cedidos para uso da Líquido Editorial, exclusivamente para a publicação desta obra. O conteúdo dos textos aqui publicados é de inteira responsabilidade de seus autores.

Capa, Diagramação e Ilustrações

Claudio Brites

Revisão e Normalização

Regina Brito, Edson Capoano e Vítor de Sousa

Coordenação Editorial

Ester Andrade, Glaycie Cazelli e Luciane Brites

Editor responsável

Carlos Augusto B. de Andrade

Impressão

PS17 [Impresso em dezembro de 2022]

CONSELHO EDITORIAL

Benjamim Corte-Real - Universidade Nacional de Timor-Leste

Carlos Augusto Batista de Andrade - Universidade Cruzeiro do Sul

Cleide Antônia Rapucci - UNESP - Assis

Edila Viana - Universidade Federal Fluminense

Gerson Albuquerque - Universidade Federal do Acre

Guaraciaba Micheletti - Universidade Cruzeiro do Sul e Universidade de São Paulo

Isabel Margarida Duarte - Universidade do Porto

Luisa Antunes Paolinelli - Universidade da Madeira

Marlise Vaz Bridi - Universidade de São Paulo

Moisés de Lemos Martins - Universidade do Minho

Mônica Muniz de Souza Simas - Universidade de São Paulo e Universidade de Veneza

Nancy dos Santos Casagrande - PUC-SP

Neusa Barbosa Bastos - PUC-SP - Universidade Presbiteriana Mackenzie

Regina Pires de Brito - Universidade Presbiteriana Mackenzie

Sara Jona Laisse - Universidade Politécnica de Moçambique

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Identidade, lusofonia, interculturalidade,
comunicação : interfaces / Regina Brito, Edson
Capoano, Vitor de Sousa, (organizadores). --
São Paulo, SP : Líquido Editorial e Consultoria,
2022.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-85-92943-12-7

1. Comunicação 2. Língua e linguagem 3. Língua
portuguesa 4. Linguagem e cultura 5. Linguística
6. Lusofonia I. Brito, Regina. II. Capoano, Edson.
III. Sousa, Vitor de.

22-135574

CDD-410.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua e linguagem : Linguística 410.7

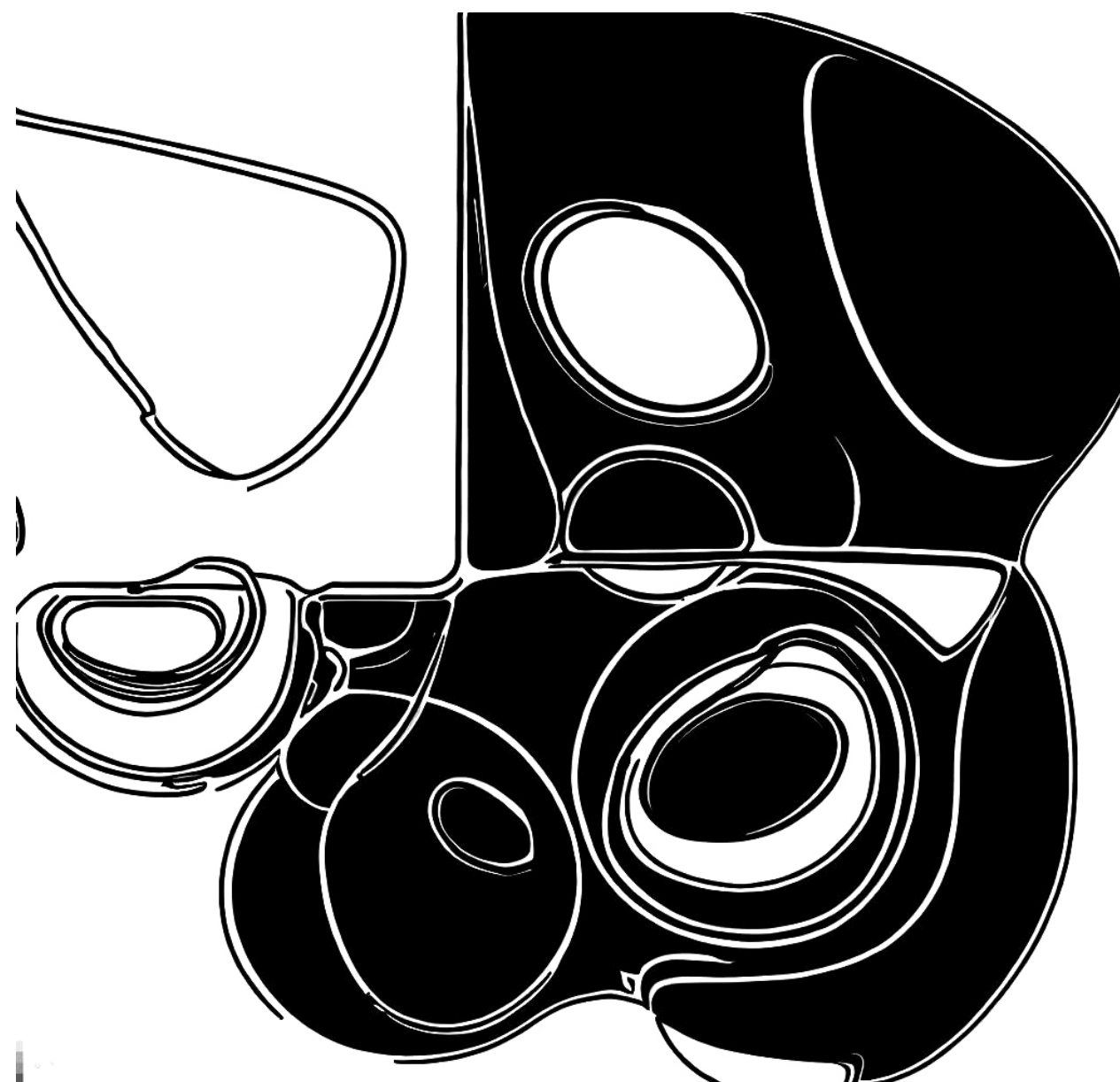
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

ESTA OBRA TEVE
APOIO PROEX-CAPES

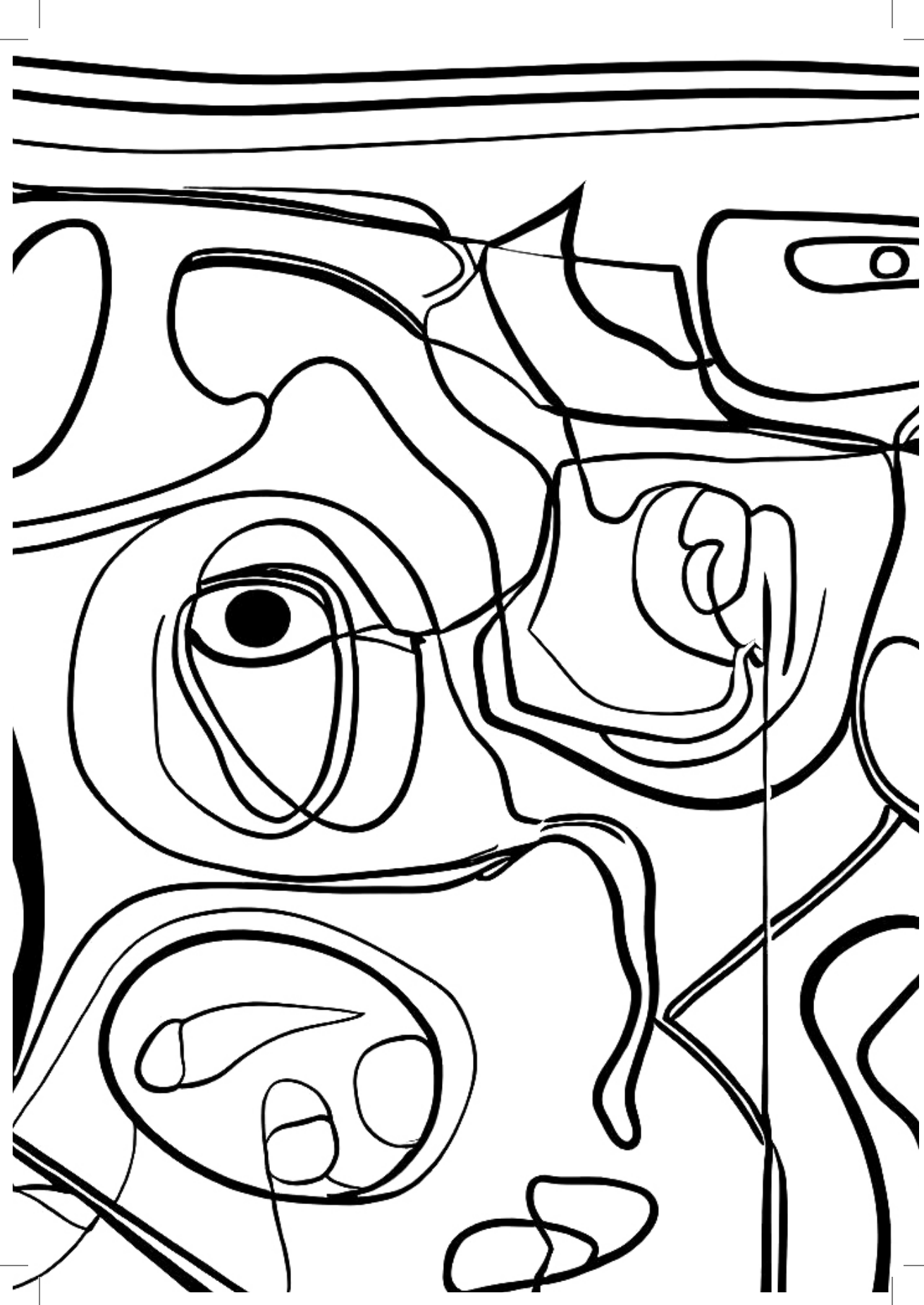


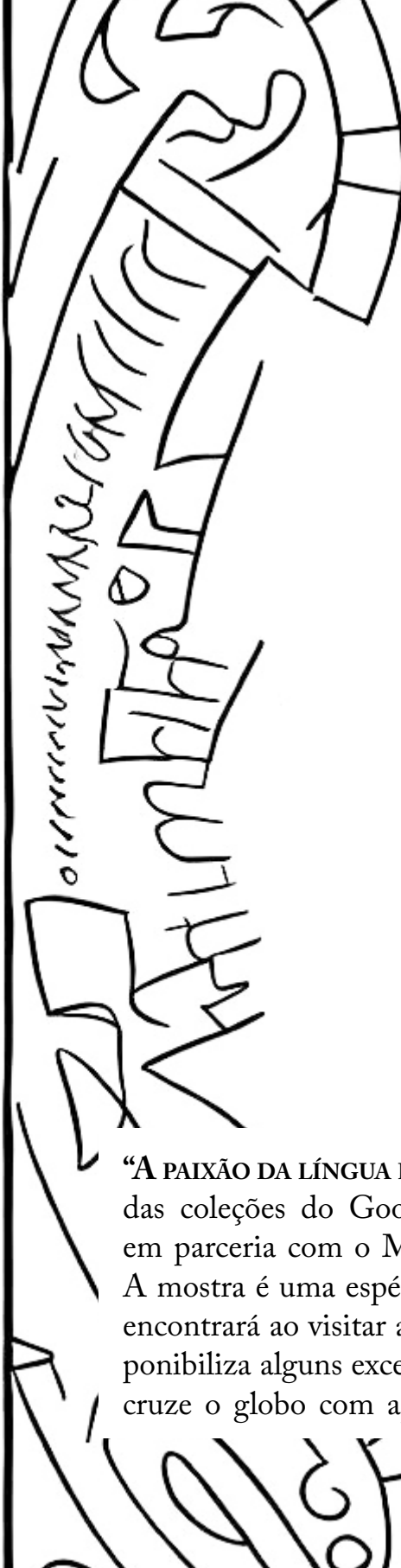
CAPES
Programa de Excelência
Capes PPGL-UPM

SUMÁRIO



- 
- 9 A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E AS IDENTIDADES PLURAIS. PORTUGAL E BRASIL, LUSOFONIAS, INTERCULTURALIDADE E COMUNICAÇÃO**
Vitor de Sousa, Edson Capoano e Regina Brito
- 19 A ESCRAVIDÃO E SEU LEGADO NO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL**
Laurentino Gomes
- 35 A SEMANA DE ARTE MODERNA CEM ANOS DEPOIS E DEPOIS DE TUDO**
Leda Tenório da Motta
- 39 O DESIGN QUE (AINDA) NÃO SE OUSA DIZER O NOME: ARTISTAS IMIGRANTES E O MODERNO DESIGN GRÁFICO COMO PRÁTICA PUBLICITÁRIA NO BRASIL (DÉCADAS DE 1930 A 1950)**
Norberto Gaudêncio Junior
- 59 QUANDO A LITERATURA TOMA POSIÇÃO EM RELAÇÃO AO PRESENTE: ENTRE O DIZÍVEL E O VISÍVEL EM VERONICA STIGGER E GONÇALO M. TAVARES**
Bruna Fontes Ferraz
- 76 TERRITÓRIO, MEMÓRIA E INTERCULTURALIDADE: O MUSEU VIRTUAL DA LUSOFONIA E A PAIXÃO PELA LÍNGUA PORTUGUESA**
Elaine Trindade, Alessandra Nardini e Moisés de Lemos Martins
- 97 PROPOSTA PARA UMA COMUNIDADE LUSÓFONA A PARTIR DA CRIAÇÃO COLETIVA DE NARRATIVAS EMPÁTICAS**
Carlos Sandano e Paulo Ranieri
- 111 “LÍNGUA COMUM” E ESPAÇO PÚBLICO. UMA CONSTELAÇÃO TENSIONAL DE RECONHECIMENTOS**
João Carlos Correia
- 125 A INTERCULTURALIDADE DE SABERES EM NARRATIVA INDÍGENA SOBRE O COMBATE À COVID-19**
Hericley Serejo Santos e Vânia Maria Torres Costa
- 147 DEMOCRACIA, LIBERDADE E INFORMAÇÃO EM REDES DIGITAIS: INQUÉRITO E ESTUDO DE CASO DURANTE ASCENSÃO DO BOLSONARISMO**
Edson Capoano e Raul Galhardi
- 164 A LITERACIA MEDIÁTICA NO CONTEXTO DA IMPLANTAÇÃO DA NOVA BASE CURRICULAR NACIONAL CURRICULAR DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL**
André C. T. Santoro e Denise C. Paiero
- 177 “DEMARCAÇÃO DE TELAS” E DE REDES SOCIAIS: A PRESENÇA INDÍGENA NO INSTAGRAM E O CASO DA HASHTAG #CADÊOSYANOMAMI**
Jéssica de Souza Carneiro
- 197 POSFÁCIO**
Patrício Dugnani, Roberdo Gondo Macedo e Rafael Fonseca Santos
- 200 SOBRE OS AUTORES**





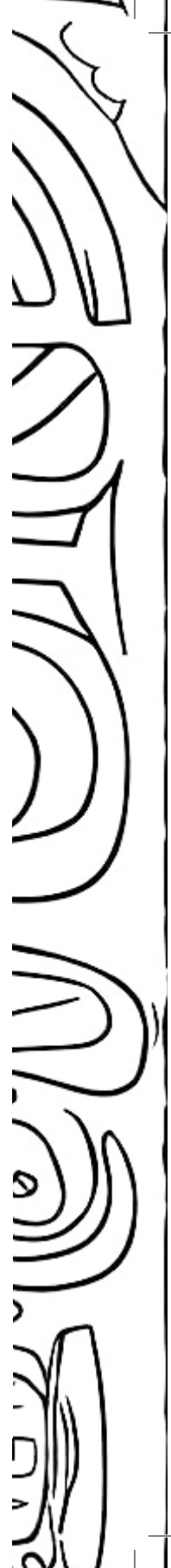
TERRITÓRIO, MEMÓRIA E INTERCULTURALIDADE: O MUSEU VIRTUAL DA LUSOFONIA E A PAIXÃO PELA LÍNGUA PORTUGUESA

Elaine Trindade

Alessandra Nardini

Moisés de Lemos Martins

“A PAIXÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA”. Este é o título de uma das coleções do Google Arts and Culture desenvolvida em parceria com o Museu Virtual da Lusofonia (MVL). A mostra é uma espécie de resumo daquilo que o usuário encontrará ao visitar a plataforma MVL. A exposição disponibiliza alguns excertos como: “Oito países, uma língua: cruze o globo com apenas um dicionário”, “No radinho:



escute os diferentes sotaques da língua portuguesa por meio de programas de rádio locais” ou “Culturas cheias de cor”, um convite para uma viagem ao mundo lusófono através de fotografias de paisagens, de pessoas, pela música, por conversas em programas de rádio, através de vídeos e por imagens de artes plásticas e de grafites. A língua portuguesa é tida pelo Museu Virtual da Lusofonia como um potente elo entre os países e os povos de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. A estes somam-se as diásporas do português na Galiza (Espanha) e na Região Autónoma de Macau (China).

Linguistas evidenciam que os processos identitários são construídos na língua e através desta (RAJAGOPALAN, 1998, p. 141-142), não sendo sequer possível a desvinculação da ideia de língua, cultura e identidade (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 24) conceitos considerados interdependentes entre si. Construída socialmente e ao longo do tempo, a língua e suas regras não são imutáveis (BAKHTIN, 1997, p.107-108). A língua é o que nos permite partilhar a cultura e o conhecimento. Bakhtin (1997, p. 96) observa as diferenças na enunciação quanto a fala na língua materna e na língua estrangeira, em que a palavra desprovida de seu contexto ideológico e experiencial torna-se um sinal, uma mera tradução de uma língua para outra sem a clara percepção do conteúdo simbólico. De tal modo, que a palavra expressa na língua materna se difere daquela enunciada em língua estrangeira. “A palavra nativa é percebida como um irmão, como uma roupa familiar, ou melhor, como a atmosfera na qual habitualmente se vive e se respira. Ela não apresenta nenhum mistério.” (1997, p. 102). Para o linguista, o indivíduo tem na língua materna a sua consciência enquanto pessoa. É nela que há a construção social, cultural e identitária do sujeito.

[...] a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. É apenas no processo de aquisição de uma língua estrangeira que a consciência já constituída – graças à língua materna – se confronta com uma língua toda pronta, que só lhe resta assimilar. Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (BAKHTIN, 1997, p. 107-108)

Neste contexto de língua enquanto ideologia e vivência, pode-se afirmar que a lusofonia integra os cidadãos que falam, pensam e sentem em português (MACEDO; MARTINS; CABECINHAS, 2011, p. 127). Embora nem todos que falam, pensam e sentem em português atribuam significado particular à ideia de Lusofonia (2011, p. 122). De forma semelhante, Venâncio (2013) coloca a Lusofonia de uma maneira mais alargada, de modo a considerá-la o espaço comum daqueles que falam o português enquanto “língua materna, oficial ou de patrimônio” (VENÂNCIO, 2013, p. 85) e completa que mesmo que o indivíduo não tenha o idioma como materno, a vivência cultural o insere no contexto identitário do uso da língua permitindo que ele fale, pense e sinta em português.

Enquanto elemento comunitário, a língua portuguesa emerge como um território, não de modo material ou físico, mas em seu sentido simbólico. E, é na internet, no ciberespaço, que este (re)território simbólico da língua portuguesa se evidencia, sendo o Museu Virtual da Lusofonia, um espaço lusófono de resistência cultural, memória e interculturalidade. A ideia de territorialidade, desterritorialidade e reterritorialidade no ciberespaço, em particular ao que tange ao Museu Virtual da Lusofonia, será melhor analisado adiante.

Em “Língua Portuguesa Global: comunicar no panorama mediático luso-brasileiro”, José Gabriel Andrade (2021) observa a importância da globalização e do uso cada vez mais disseminado socialmente das novas tecnologias da comunicação para o exponencial aumento da realização de parcerias comerciais, e não só, entre os países que falam a língua portuguesa. Dados da Internet World Stats, website internacional especializado em estatísticas, estimam que o português seja a quinta língua mais falada no mundo com 290.939.425 falantes em 2020. Já em 2100, a expectativa é a de que 500 milhões de pessoas falem português. Os dados foram publicados em abril de 2022, numa matéria do Jornal Expresso com título: “500 milhões de pessoas falarão português em 2100. E a falar é que a gente se entende”. Com relação ao uso da internet, a estimativa da Internet World Stats é de que 172.150.818 falantes da língua portuguesa estejam a se comunicar na Web em português, o que perfaz quase 60% da comunidade lusófona. Diante de dados tão potentes, torna-se relevante pensar a plataforma do Museu Virtual da Lusofonia, que está disponível no Google Arts and Culture, enquanto território, que tem como elo a língua comum, para tratar de aspetos inerentes às intervenções sociais, construções subje-

tivas e identidade lusófona. Este estudo propõe uma reflexão acerca desta plataforma digital enquanto ferramenta capaz de evidenciar uma memória lusófona (re)construída através de exposições e do movimento de interculturalidade proposto pelo Museu Virtual da Lusofonia, em que não há centralidade de ideias e sim uma construção colaborativa de coleções em que os curadores se encontram nos diversos países lusófonos.

2. DOS MUSEUS VIRTUAIS AO MUSEU VIRTUAL DA LUSOFONIA

Um museu sem paredes, sem fronteiras, onipresente e à apenas um clique de distância. Estas são algumas das características dos museus virtuais. O conceito de museu virtual foi utilizado pela primeira vez por Tsichritzis & Gibbs (1991), numa época em que a internet sequer era amplamente difundida em termos sociais para propor algo totalmente diverso do uso que lhe é atribuído atualmente. Em *Cibercultura*, Pierre Lévy (2000) faz uma dura crítica aos ditos museus virtuais afirmando que em muitas das vezes não passavam de “catálogos ruins na internet” (LÉVY, 1999, p. 202) e que haveria um certo receio dos museus físicos em perder público por conta da virtualização. A ideia de museu virtual estava mais ligada a fazer com que os visitantes virtuais se interessassem pelas coleções a ponto que estes tornassem-se visitantes físicos do museu. Ou seja, as páginas serviam mais como um apelo publicitário do que como um processo de substituição de um modelo pelo outro. De acordo com LIMA (2013, p. 10-12), os museus virtuais podem ser definidos em três categorias: museus físicos com correspondência virtual, museus físicos cujas obras foram digitalizadas e estão disponíveis online e museus exclusivamente virtuais, que é caso do Museu Virtual da Lusofonia.

Da digitalização das coleções, às visitas interativas através de websites, até a experiência imersiva e expandida proposta pelo Google Arts and Culture, passaram-se cerca de 20 anos. O Google Art Project, nome do projeto anterior ao Arts and Culture, foi inaugurado em fevereiro de 2011 com a proposta de trazer para o ambiente virtual acervos dos museus: Alte Nationalgalerie e Gemäldegalerie, em Berlim; Freer Gallery of Art, em Washington; The Frick Collection, The Metropolitan Museum of Art e MoMA, em Nova Iorque; Uffizi, em Florença; National Gallery e Tate Britain, em Londres; Museu Reina Sofia e Museu Thyssen, em Madri; Palácio de Versalhes, na França; Museu Kampa, em Praga; Museu Van Gogh e Rijksmuseum, em Amsterdã; Museu Estatal Hermitage, em São Petersburgo; e a Galeria Estatal Tretyakov, em Moscou.

Tendo como slogan “Toda a arte do mundo na ponta de seus dedos”, a princípio a ideia da ferramenta era a digitalização de obras e galerias em *gigapixels*, o que permitia ver os mínimos detalhes das obras de arte, incluindo visitas em 360 graus de galerias a utilizar a tecnologia do *Google Street View*, recurso lançado pela empresa em 2007 e que disponibiliza imagens panorâmicas de 360 graus na horizontal e 290 graus na vertical. O mapa de imagens é composto por fotografias registradas por um dispositivo do Google composto por uma esfera na qual encontram-se nove câmeras fotográficas alinhadas horizontalmente (Nine Eyes), sendo a superior uma lente olho de peixe que registra a vista do alto (céu). Atualmente, o *Google Arts and Culture* tem como objetivo desenvolver uma outra forma de vivenciar a arte e a cultura através de uma estética imersiva e expandida em que a experiência sensorial do sujeito é amplamente valorizada.

O Museu Virtual da Lusofonia é uma iniciativa do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, CECS, da Universidade do Minho, sob a direção de Moisés de Lemos Martins. Entre os anos de 2009 e 2013, o CECS abrigou o projeto (PTDC/CCI-COM/105100/2008) intitulado “Narrativas Identitárias e Memória Social: a (re)construção da lusofonia em contextos interculturais”. O estudo, coordenado por Rosa Cabecinhas, foi desenvolvido em uma parceria entre a Universidade do Minho (UM, Portugal), o Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA, Portugal), o Núcleo de Investigação em Ciência Política e Relações Internacionais (NICPRI, Portugal) e o Centro de Estudos Africanos (CEA, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique). O projeto teve como objetivo principal aprofundar as investigações acerca das narrativas identitárias, memória social e comunicação intercultural no espaço lusófono. Dentre as tarefas desenvolvidas pela equipe, estava a investigação acerca da (re)construção das identidades lusófonas no ciberespaço e a comunicação cotidiana dos falantes da língua portuguesa na internet. Através do estudo, pôde-se perceber mais concretamente que “os media digitais interativos têm consequências para a Lusofonia, dado que significam novas práticas de comunicação intercultural na produção do sentido lusófono.” (MARTINS, 2015, p. 29).

Ao pensar neste outro fazer social que emerge das novas tecnologias da comunicação, o CECS estabelece a criação de um Museu Virtual da Lusofonia como projeto estratégico a decorrer entre 2015 e 2020. Em 2017, é lançada na web a plataforma de cooperação artística, cultural e acadêmica,

abrangendo o espaço físico e virtual da língua portuguesa e de suas diásporas (estendendo-se à Galiza e à Região Autónoma de Macau). O MVL tem como missão promover o conhecimento por parte dos países lusófonos das suas inúmeras formas de expressão artística e cultural, reunindo-as, preservando-as e difundindo-as de forma global.

De acordo com Martins (2015), a comunicação digital interativa e hipertextual propicia um ambiente favorável a construção de um espaço comum lusófono, que:

Supõe que os conteúdos informativos sejam produzidos pelas próprias comunidades, podendo o Museu Virtual da Lusofonia constituir, deste modo, uma experiência mobilizadora de comunicação intercultural, de conhecimento mútuo e de reforço do sentido de comunidade no espaço da Lusofonia. (MARTINS, 2015, p. 31)

Em setembro de 2019, foi iniciado o processo de migração do conteúdo disponível no site do museu para a plataforma do Google Arts and Culture. Além da migração, outras exposições foram criadas. Em novo formato, o Museu Virtual da Lusofonia foi lançado na plataforma do Google no dia 04 de setembro de 2020 como um espaço virtual aberto à produção de conhecimento, arte e cultura, tendo a pretensão de permitir a participação dos cidadãos e colaboração na (re)construção de uma memória coletiva lusófona. No lançamento da parceria, o Museu Virtual da Lusofonia apresentou 256 obras de arte, 112 fotografias, 98 programas de rádio, 45 exposições multimídia, 19 filmes e 2 documentários. Todo este conteúdo a contemplar a diversidade artística e cultural dos países lusófonos, abrangendo Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, estendendo-se à Galiza (Espanha) e à Região Autónoma de Macau (China). Em fevereiro de 2021, o Museu Virtual da Lusofonia foi alçado à categoria de Unidade Cultural da Universidade do Minho.

3. PENSAR A LUSOFONIA: ENTRE OS EQUÍVOCOS E AS POSSIBILIDADES DE INTERCULTURALIDADE

Ao pensar acerca de um Museu Virtual da Lusofonia, faz-se necessário ressaltar a qual conceito de Lusofonia esta plataforma se aproxima, uma vez que este termo se mostra um terreno deveras polêmico e pouco consensual, em que existem inúmeros equívocos. Ao longo das últimas décadas são vários os investigadores a discutir o conceito e significados da palavra

Lusofonia (e.g. MARTINS; SOUSA; CABECINHAS, 2006; MACEDO, 2015; LOURENÇO, 2004; MACEDO; MARTINS; CABECINHAS, 2011; VENÂNCIO, 2013), e o papel desta enquanto representação social para os falantes da língua portuguesa. Parte destes debates privilegiam a língua, outros se colocam no âmbito cultural e há aqueles que se regem pelos equívocos lusófonos, que são muitos, de modo a mantermo-nos vigilantes a tais contradições como o equívoco de que a Lusofonia pressupõe de uma centralidade portuguesa, ideia está combatida pelo MVL que se coloca como uma rede sem centro em que todos os membros da comunidade tem voz e vez. A Lusofonia, por vezes, é vista como uma reconstituidora, em contexto pós-colonial, de narrativas do antigo império, que na atualidade soa como uma aproximação de propósitos neocoloniais, seja de modo conscientes ou inconscientes. Outra confusão comum é a ideia do luso-tropicalismo, em que se idealiza que o colonizador trouxe vantagens ao colonizado, numa chamada “colonização doce”, de modo a glorificar o antigo país colonial. Há ainda, os equívocos inerentes aos discursos pós-coloniais, em que surge a narrativa do ressentimento, na qual se exige uma reparação histórica, cujo pretexto é o resgate da memória de um passado colonial (MARTINS, 2015, p. 10).

De fato, tais nuances nos permitem sermos bastante críticos e cautelosos ao usar tal conceito. Para o MVL, a Lusofonia mostra-se como um espaço cultural no qual se evidenciam as pluralidades, as diferenças e o conhecimento aprofundado de si e do outro, de maneira que não se limita a reunir em seu âmbito uma equipa multidisciplinar, mas, procura envolver atores dos setores cultural, artístico, acadêmico, além do envolvimento da própria sociedade civil na reflexão e na discussão crítica acerca das relações interculturais nos países de língua portuguesa. “Pretende-se olhar o conceito de lusofonia como figura complexa, sem centro e com sentidos múltiplos, que se interpelam, uma comunidade multi, inter e transcultural.” (MARTINS, 2015, p. 30 apud MACEDO; MARTINS; CABECINHAS, 2011). É deste conceito de lusofonia, enquanto um espaço múltiplo, de diversidade cultural e descentralizado, capaz de unir os falantes da língua portuguesa em uma comunidade, que o museu se aproxima.

É uma plataforma que, diante dos números de falantes e das expectativas futuras, pensa no português como língua de ciência, de modo a resistir às estruturas de poder que elegem uma língua (o inglês) como sendo a universal e mais relevante que outras. É patente a ideia de que o mundo pos-

sui uma ordenação simbólica (BOURDIEU, 1989) estabelecida em uma linha de poder, a ser compreendida como uma prática social estabelecida historicamente e ao longo do tempo pelas mais diversas instituições e que estabelece uma relação entre opressor e oprimido, mandante e mandatário (FOUCAULT, 1979).

A produção simbólica marca uma ordenação de mundo e elementos de dominação ligados à hierarquização e à distinção. A língua e a cultura seriam utilizadas como “instrumentos simbólicos” a servir a estes propósitos, assim como a divisão do trabalho, o conhecimento e a construção de mundo (BOURDIEU, 1989, p.16). Essa hegemonia linguística e subordinação está ligada a produção científica, cultural e artística (MARTINS, 2018) e que deve ser combatida, sendo o ciberespaço um lugar em potencial para as lutas de contraordenação simbólica e de resistências.

Inserida no atual contexto da globalização, caracterizada pela incessante busca por crescimento económico, em um caminho conduzido pelos avanços tecnológicos e, principalmente, pelas tecnologias da informação, a ideia de lusofonia pode nos remeter à construção de uma comunidade geocultural transnacional e transcontinental de falantes da língua portuguesa (MARTINS, 2015).

Ressalta-se que a travessia lusófona propõe a construção de uma comunidade que vai além dos lugares delimitados geograficamente.

Esta noção transcende a ideia de local e considera ‘comunidade’ como algo definido culturalmente por formações sociais que articulam significados capazes de caracterizar grupos de pessoas que se estabelecem a partir de ideais, comportamentos, práticas culturais e ações que os engloba. (NARDINI, 2018, p. 71).

A ideia de Lusofonia vai na contracorrente de uma globalização que nos dá uma identidade definida. Uma identidade definitiva que, como MARTINS (2015, p. 9) elucida, é uma “[...] identidade de indivíduos móveis, mobilizáveis, competitivos e performantes no mercado global”. Esta globalização que nos limita a percorrer um caminho único, homogêneo. Trata-se de uma globalização cosmopolita que reduz a diversidade cultural ao ideal de uma cultura-mundo fundada na unidade, provida por um único idioma, a língua inglesa. Globalização esta que, ainda segundo Martins (2015, p. 9), “não pode ser contrariada por indivíduos solitários e impotentes, nem por estados-nações em crise”.

Nesta contracorrente da globalização cosmopolita, está a globalização multicultural que propõe a união de povos de áreas geoculturais longínquas.

Povos que, através de plataformas digitais como a do Museu Virtual da Lusofonia, se mantêm conectados em um movimento de cooperação mútua, respeitando as diferenças e valorizando suas línguas nacionais. Neste caso, a língua portuguesa. “A globalização multiculturalista é feita pela mistura, pela miscigenação de etnias, línguas, memórias e tradições.” (MARTINS, 2015, p. 10).

Ao falar de lusofonia e da paixão investida em nesta temática, Martins (2015) exprime a existência de “múltiplos imaginários lusófonos” e não de um imaginário único. A comunidade lusófona é construída pela pluralidade, diferença e aprendizado contínuo uns sobre os outros. Assim sendo,

[...] dar sentido à Lusofonia é entendê-la como inextricavelmente portuguesa, brasileira, angolana, moçambicana, guineense, cabo-verdiana, são-tomense, timorense, galega, assim como de todas as diásporas destes povos. (MARTINS, 2015, p. 11).

Em “Microfísica do Poder”, Michel Foucault (2017) investiga o poder como uma prática social que fora construída ao longo da história, deslocando-o da ideia de que ele está concentrado apenas nas mãos do Estado. Foucault elucida do que se trata o micropoder e a micropolítica, referindo-se às ações cotidianas capazes de impulsionar lutas de resistência ao macropoder, definindo-o como força dominadora que mantém sujeitos heterónomos. O que Michel Foucault propõe é que examinemos o poder através de uma lógica diferente daquela que o colocava apenas como uma forma de repressão, exclusão e censura. Cada luta se desenvolve em torno de um foco particular de poder e esta afirmação refere-se também às lutas de resistência que buscam romper com a ideia de que o poder está detido por uma classe dominante, traçando assim uma luta contra-hegemónica.

O poder se mantém e é socialmente aceito porque ele não responde apenas a uma realidade dura e negativa, que sempre diz ‘não’. O poder do qual Foucault (2017) fala é capaz de permear a sociedade, de produzir discursos, de ser expressão, induzindo ao prazer e às formas de saber. É essa significação de poder que podemos trazer para as lutas de resistência, chamando-as de micropolíticas por serem compostas por ‘gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos’ que, de acordo com o autor, não partem do centro para a periferia, ou da noção de macro e micro. O poder passaria de repressor para produtor, gerando novos saberes, novas maneiras de viver e dando autonomia aos grupos sociais. (NARDINI, 2018, p. 18)

A ideia de Lusofonia defende a globalização multiculturalista e existe através dela. Em um campo de saberes e de poderes em que o discurso

hegemônico é o discurso da unicidade, que nos direciona a uma cultura-mundo, o ideal da construção de uma comunidade lusófona trava uma luta simbólica contra a lógica hegemônica. Esta luta está direcionada para a valorização da heterogeneidade dos povos e do português como língua de ciência, aprendizado sobre nós e os outros, expressões artísticas, práticas culturais e também para parcerias que viabilizem o desenvolvimento humano e económico destes países.

Mais do que objeto de mera curiosidade histórico-linguística ou até histórico-cultural, a ideia de Lusofonia é hoje tema em que é investida paixão. E, de igual modo, nela são investidos interesses: políticos, estratégicos, económicos e sociais, e sobretudo interesses culturais. Tais interesses têm a ver não apenas com aquilo que os países lusófonos foram como colónias, línguas e culturas no passado, mas também, sobretudo, com o presente e com o destino do “continente imaterial” que estes países constituem. (MARTINS, 2006, p. 15-18 apud MARTINS, 2015, p. 10)

4. A TRAVESSIA LUSÓFONA E A CIRCUM-NAVEGAÇÃO TECNOLÓGICA

Entre as grandes inovações desencadeadas pelos avanços tecnológicos que antecederam a era da informação e modificaram a experiência humana, está o advento da fotografia, que propiciou uma transformação das percepções sensoriais da sociedade pós-industrial. No final do século XIX e início do século XX, Walter Benjamin (1987) desenvolveu sua tese acerca a fotografia, com o intuito de investigar “a revolução ótica, inaugurada pela máquina fotográfica, uma nova máquina de visão” (Martins, 2015, p. 48). Em suas reflexões, o filósofo debateu acerca culto da “obra de arte inacessível” e sobre como um dispositivo técnico poderia trazer novas perspectivas para o olhar, modificando a criação, circulação e representação da arte. Outrora, a pintura e a escultura eram as nossas maiores referências artística acerca da imagem e permaneciam distantes, em lugares ocultos onde poucos podiam cultuá-las (BENJAMIN, 1987).

Para Walter Benjamin (1987), quanto mais se limitava a significação social de uma obra de arte, maior era o distanciamento, no público, entre a “atitude de fruição” e a “atitude crítica. Segundo o filósofo, na era da reprodutibilidade técnica, a função social da arte se transformou. “Sendo assim, ao invés de fundar-se no ritual, a arte passa a fundar-se em outra práxis: político.” (BENJAMIN, 1987, p. 171). Ainda de acordo com o filósofo: “A arte contemporânea será tanto mais eficaz quanto mais se orientar em função da reprodutibilidade e, portanto, quanto menos colocar em seu centro a obra original.” (BENJAMIN, 1978, p. 180).

A pobreza da experiência humana elucidada por Walter Benjamin em seus escritos da década de 1930, também faz parte de reflexões acerca das transformações de natureza técnica. Em seu legado, encontram-se análises críticas acerca do mundo moderno, da sociedade pós-industrial e dos conflitos vivenciados durante a I Guerra Mundial. O filósofo também foi capaz de apresentar características daquela época que já possibilitavam o reconhecimento de indícios de uma nova guerra mundial com a ascensão dos regimes totalitários e, principalmente, do fascismo (BENJAMIN, 1987).

A crise da experiência humana é referida por Benjamin em “Experiência e Pobreza” (1933), quando o autor aborda o fato de que nossas experiências já não nos vinculam mais ao que conhecíamos como patrimônio cultural. O texto ressalta a necessidade de reconhecer que no mundo moderno houve um empobrecimento da experiência humana e que tal pobreza é de toda a humanidade, e não mais privada. Assim, o autor propõe um novo conceito de barbárie que seja positivo, em que artistas e pensadores sejam capazes de partir “da estaca zero, recriando, reconstruindo e renovando a cultura.” (BENJAMIN, 1987, p. 115). Em “Experiência e Pobreza”, o autor relatou a “paralisação” dos homens após a I Guerra Mundial. De acordo com o filósofo, a humanidade voltou da guerra “mais pobre em experiências comunicáveis” ao observar e sentir como a técnica e o desenvolvimento bélico se sobressaíram a tudo aquilo que a humanidade acreditava. A tecnologia, que antes era meramente instrumental e servia para aperfeiçoar nossas ações, passou a ir além da materialidade (AGAMBEN, 2015). Referimo-nos aqui em crenças baseadas nas tradições greco-latina e nas narrativas judaico-cristã que conduziam o ocidente por uma passagem. “[...] Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem.” (BENJAMIN, 1987, p. 115). Outro aspecto importante de ser elucidado é o empobrecimento do significado de patrimônio cultural, uma vez que tal patrimônio fora utilizado para demonstrações de poder hegemônicas e (re)afirmações de discursos totalitários, sofrendo assim um esvaziamento de sentido, assim como a narrativa e experiência humana.

Benjamin (1987, p. 115), contextualiza este momento da humanidade explicando que: “[...] uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num capo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano”.

As reflexões de Benjamin ainda cabem em nossa contemporaneidade e, por este motivo, o filósofo faz parte deste estudo. Em “O Narrador”, “Experiência e pobreza” e “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”, Benjamin não fez apenas uma reflexão acerca da realidade de seu momento, como também previu os efeitos do esvaziamento da experiência do homem moderno. E seus escritos, convida-nos a “sairmos de nós mesmos” em busca de novos caminhos. Para tal, segundo o filósofo: “[...] é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie” (BENJAMIN, 1987, p. 115). E o que resultaria de para o “bárbaro” após assumirmos a pobreza de experiência? O novo, pois a pobreza da experiência humana impele o indivíduo “[...] a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda.” (1987, p. 115-116).

O filósofo Gianni Vattimo (1992) ressalta a importância das críticas realizadas pela filosofia entre os séculos XIX e XX, momento em que a ideia de que a história é unitária foi criticada, revelando o “caráter ideológico destas representações”. Em sua obra “A Sociedade Transparente”, o autor cita o trabalho de Walter Benjamin e a forma como o filósofo questionou a história que seguia um curso unitário, definindo-o como: “uma representação do passado construída pelos grupos e pelas classes sociais dominantes.” (1992, p. 8).

De acordo com Vattimo, a modernidade acaba quando a noção de história única acaba, questionando a existência de uma centralidade para a qual todos os acontecimentos estariam voltados. Além de Walter Benjamin, o filósofo ainda menciona outros estudos de pensadores que contribuíram para a discussão crítica acerca da ideia de história única, como Karl Marx e Friedrich Nietzsche. Para o autor:

[...] não há uma história única, há imagens do passado propostas por pontos de vista diversos, e é ilusório pensar que existe um ponto de vista supremo, global, capaz de unificar todos os outros (como seria ‘a história’, que engloba a história da arte, da literatura, das guerras, da sexualidade, etc. (VATTIMO, 1992, p. 8)

A concepção de progresso também fora questionada por Gianni Vattimo, tendo em vista que o progresso pode remeter ao sentido único. Em outros termos, pode ser estruturado por avanços realizados em direção a uma finalidade única. De acordo com o filósofo, o fim único ignora o que há de múltiplo, pois está focado em uma única narrativa articulada por

meio de um “plano racional de melhoramento, educação e emancipação” (1992, p. 9). De tal maneira, o progresso não seria capaz de honrar a diversidade cultural e a existência de múltiplos imaginários. Nesta perspectiva, trata-se de um caminho composto por pontos de vista voltados para o progresso que partem de um ideal de homem, o “homem moderno europeu”. Ainda segundo o autor:

Iluministas, Hegel, Marx, positivistas, historicistas de todo o tipo, pensavam todos mais ou menos da mesma forma que o sentido da história era a realização da civilização, isto é, da forma do homem europeu moderno. Tal como a história só se pensa unitariamente de um ponto de vista determinado que se coloca no centro (seja ele da vinda de Cristo ou o Sacro Império Romano), assim o progresso só se concebe assumindo como critério um certo ideal do homem; que na modernidade foi sempre, porém, o do homem moderno europeu – é como dizer: nós europeus somos a melhor forma de humanidade, todo o curso da história se ordena conforme realize mais ou menos completamente este ideal. (VATTIMO, 1992, p. 9)

Entre os pensadores citados por Vattimo, está Karl Marx, que teve seu marxismo clássico entre os temas debatidos por Stuart Hall. Entre as temáticas levantadas pelo sociólogo e teórico da cultura, está o eurocentrismo subentendido no paradigma de transformação capitalista de Marx. A motivação estaria no facto do capitalismo ter sido imposto nas colônias. Sovik (2003, p. 16) ressalta que, em seus estudos, Hall constatou que o modelo capitalista “não evoluiu rumo às colônias de forma orgânica, a partir de suas próprias transformações”. Sendo assim, esta seria uma das visões de história que foram silenciadas pela ideia de progresso percorrida em um ideal ilusório de caminho único.

À parte da dissolução da ideia de história única e do seu contributo para o fim da era moderna, por elucidar que existem outras visões de mundo, está a sociedade da comunicação generalizada. Mesmo que a sociedade dos *mass media* tenha sido articulada como uma tentativa de homogeneizar os discursos e produções culturais, ela também propiciava a abertura de espaços para que outras versões de narrativas viessem a ser conhecidas.

A sociedade da comunicação generalizada conduziu a linha de pensamento de Vattimo para a “sociedade transparente”, definindo-a como mais complexa e caótica, sendo que, é neste caos que residem as “esperanças de emancipação.” (VATTIMO, 1992, p. 10). Apesar de serem meios de uma comunicação generalizada, os *mass media* desempenharam um papel rele-

vante para a heterogeneidade. Recordando ainda de Jean François Lyotard, filósofo francês que propôs uma reflexão sobre a crise das narrativas, Gianni Vattimo explica que este movimento de emancipação estava diretamente relacionado as questões mercadológicas. Segundo o autor: “a própria lógica do <<mercado>> da informação exige uma contínua dilatação deste mercado, e exige consequentemente que <<tudo>>, de qualquer maneira, se torne objeto de comunicação (1992, p. 11-12).

Já em “A sociedade transparente”, Gianni Vattimo apresenta uma reflexão acerca do trabalho realizado por críticos de inspiração hegeliana e marxista, como Theodor Adorno. Com o intuito para contextualizar o que seriam os mass media e a sociedade transparente, Gianni Vattimo explica que:

[...] a libertação das muitas culturas e das muitas Weltanschauungen tornada possível pelos mass media desmentiu precisamente o ideal de uma sociedade transparente: que sentido teria a liberdade de informação, ou mesmo apenas a existência de vários canais de rádio e de televisão, num mundo em que a norma fosse a reprodução exata da realidade, a perfeita objetividade, a total identificação do mapa com o território? (VATTIMO, 1992, p. 12).

A pós-modernidade é um momento de transição no qual as verdades e as leis criadas pelo discurso metafísico perdem seu lugar de veracidade. O regime da palavra, que antes conduzia nossa passagem pelo mundo, baseando-se na promessa da imortalidade, foi resignificado com o surgimento dos avanços tecnológicos. As inovações propiciadas pela tecnologia desencadearam inúmeras transformações no nosso cotidiano, modificando a lógica do pensamento científico e influenciando nossas relações e práticas sociais. A “crise das narrativas” e a “crise da experiência” estão conectadas e as verdades que faziam parte da lógica dualista ocidental deram espaço às nossas incertezas e desconfianças eternas. Estas são as características que marcam a travessia pelo mundo e que impulsionam a sede de inovação dos seres humanos (MARTINS, 2017).

Proposta por MARTINS (2018), a circum-navegação tecnológica é uma metáfora que caracteriza a atual experiência lusófona. Trata-se de uma experiência que é tecnológica por excelência e conduz a travessia da cultura do uno para a cultura do múltiplo, considerando que:

A cultura do uno é logocêntrica, etnocêntrica, imperialista e colonialista. Caracteriza-se, pois, pela exclusão, assimilando e destruindo a diferença. É nesse sentido, aliás, que opera a tradição judaico-cristã, ao impor a sun/bolé (uma imagem que reúne) à dia/bolé (uma imagem que separa), assim como

a tradição greco-latina, que sobrepõe o logos (como instância soberana de decisão) ao pathos e ao ethos. Em contrapartida, a cultura do múltiplo e da mistura associa-se à participação, à comunicação intercultural, à diferença, a uma cultura pós-colonial. (MARTINS, 2015, p. 41).

Se a “circum-navegação assinala classicamente a experiência da travessia de oceanos e da ultrapassagem do limite estabelecido, de mares, terras e conhecimentos” (2015, p. 41), a metáfora da qual estamos falando narra claramente nosso percurso pela experiência tecnológica, guia a análise deste estudo e é uma das premissas do Museu Virtual da Lusofonia. É essencial salientar que, ao invés da passagem que nos conduzia por um caminho de certezas, ou seja, por uma experiência controlada, sem mistérios e magias, vivemos agora uma travessia que nos coloca em sobressalto pela sua perigosidade, marcada por incertezas, por imagens e emoções plásticas que nos fascinam (MARTINS, 2017).

O ser humano, que era culturalmente uno, era constituído por experiências sensitivas que perderam sentido com a queda do discurso filosófico metafísico e o surgimento de novas formas de vida. É possível afirmar ainda que a tecnologia nos fascina de uma forma tão intensa que somos capazes de perder nossos instintos, transformando o desejo e o prazer em algo artificial, abstrato e infinito (PERNIOLA, 2005).

Em “Os países lusófonos e o desafio da circum-navegação tecnológica”, Martins (2018) confronta essa ordenação que classifica as línguas e as culturas tidas como periféricas, a compreender a África, a América Latina e o Oriente, como subalternas e propõe uma resistência aliada a globalização e a rede mundial de computadores. A metáfora da “circum-navegação tecnológica” é aventada para que se possa pensar em uma “travessia tecnológica” mediada pela globalização multicultural em que, através de ferramentas como os hiperlinks da web, é capaz de promover uma espécie de “flânerie virtual” (TRINDADE, 2015), experiência em que os espaços urbanos e os mais longínquos territórios estão a um clique de distância, a nos permitir uma grande viagem sensorial e visual.

É evidente que, na atualidade, o espaço lusófono transcultural é ainda um sonho e que muito do que acontece nos países é desconhecido para os próprios cidadãos. Isso se deve, em grande parte, à distância física entre os países que fazem parte deste universo. Logo, a metáfora da “circum-navegação tecnológica” propõe o conhecimento de si e do outro a promover a interculturalidade entre os povos lusófonos.

A lusofonia pode ser encarada como uma circum-navegação tecnológica e intercultural, uma travessia, a ser realizada por todos os povos lusófonos, no sentido do interconhecimento, da cooperação, cultural, científica, social, política e económica, e também de afirmação da diversidade no mundo, enfim, uma circum-navegação que abra os confins do desenvolvimento humano. (MARTINS, 2018, p. 89).

Se esta falta de conhecimento do outro estava ligada às grandes distâncias físicas entre os países e povos que fazem parte da lusofonia, com a globalização e a implantação da internet, houve um substancial aumento na compressão do espaço-tempo (HARVEY, 1989), que possibilita o acesso à informação em simultâneo e globalmente, facilitando o processo de interculturalidade.

5. O MUSEU VIRTUAL DA LUSOFONIA ENQUANTO TERRITÓRIO

Ao estudarmos os aspectos inerentes à Cibercultura, deparamo-nos com inúmeras pesquisas acerca do território, das desterritorializações e reterritorializações que ocorrem na rede mundial de computadores (LEVY, 2000; LEMOS, 2006; BICALHO; MORAIS, 2016). Este três conceito advém dos estudos acerca do território e estão ligados ao campo da geografia (BICALHO; MORAIS, 2016). A palavra território tem sua etimologia no latim “terra”, que pressupõe uma ordenação geográfica com limites definidos. Apesar da dimensão objetiva e material a que o termo se refere, a palavra território possui um sentido simbólico, ligado às “intervenções sociais e pela construção da subjetividade ou identidade pessoal.” (BICALHO; MORAIS, 2016, p. 13). É neste sentido simbólico que o Museu Virtual da Lusofonia se insere enquanto território lusófono.

Ao abordar as noções de territórios e desterritorializações, recorreremos a DELEUZE; GUATTARI (1992, 2000). De acordo com os filósofos franceses, o conceito de território é de fundamental importância para a filosofia (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 91), já que o território pode ser pensado como algo conhecido, uma dimensão objetiva, com possibilidade de uma desterritorialização. Aliás, não há território sem que haja um vetor de saída, nominado de desterritorialização. Neste processo de territorialização e desterritorialização, há ainda o esforço para reterritorializar em outra parte, a resistência.

Um bastão, por sua vez, é um galho desterritorializado. É necessário ver como cada um, em toda idade, nas menores coisas, como nas maiores provações, procura um território para si, suporta ou carrega desterritorializações, e se reterritorializa

quase sobre qualquer coisa, lembrança, fetiche ou sonho. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 89).

No contexto do Ciberespaço, Lèvy (2000, p. 133) aponta para uma multiplicação crescente das “linhas de fuga”, já que quanto maior, mais interconectado e mais interativo o ambiente se torna, menor são as possibilidades de controlo. Daí o ciberespaço ser considerado desterritorializado por excelência, ou como coloca Lemos (2006, p. 6): “[...] é efetivamente, máquina desterritorializante sob o aspecto político (acesso e ação além de fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influência global na formação do sujeito)”.

Foucault esclarece que as discussões acerca da história, cuja concepção ficou estagnada por séculos, deu espaço ao anseio por investigações sobre os fenômenos de rutura, principalmente voltados para “espaço e tempo”. Em “Outros Espaços” (2001), Foucault ressalta que no interior da “história”, subsistem tipos de durações diferentes. Durações múltiplas que possibilitam a ocupação de espaços e tempos de diversas maneiras. Isto caracteriza uma rutura do conceito de tempo em que a história se baseava, onde existia apenas “uma duração”. Ainda segundo o filósofo, as durações múltiplas se entrelaçam, resultando em transformações nas sociedades e nos espaços em que os seres humanos coexistem e se relacionam.

O conceito de “espaço” fora construído tradicionalmente baseando-se em uma concepção voltada para a ideia de localização geográfica. Entretanto, o posicionamento do espaço que anteriormente fora definido pela localização geográfica, agora é “definido pelas relações de vizinhança, entre pontos ou elementos.” (FOUCAULT, 2001, p. 412). O conceito de espaço é mais abrangente que a concepção demográfica pudesse propor. Ainda de acordo com o filósofo, “estamos em uma época em que o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamento” (2001. p. 413). Ao contrário do que se supunha, não habitamos apenas um espaço homogêneo. Nossas existências acontecem em espaços heterogêneos, para os quais carregamos motivações, anseios e percepções que compõem nossas identidades.

Desterritorializado no ciberespaço, o sujeito busca uma reterritorialização a partir de uma constituição simbólica comum e busca criar um território (LE MOS, 2006, p. 3). Este território em seu sentido simbólico é atravessado por forças políticas, econômicas e culturais, ainda que seja um

espaço de resistência (reterritorialização). Diante destes conceitos, se faz relevante pensar o Museu Virtual da Lusofonia enquanto um território simbólico e de resistência dos povos lusófonos. Cada país que compõe a Lusofonia possui um território físico, limitado por fronteiras geográficas e distantes uns dos outros. Desterritorializado em sua essência por ser virtual e inserido no ciberespaço, o Museu Virtual da Lusofonia reterritorializa a cultura e o conhecimento destas comunidades em um novo território, que é a Lusofonia, um espaço híbrido, miscigenado e que está em construção por cada um dos atores que fazem parte desta comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste capítulo, apresentou-se uma breve contextualização do estado da cultura após as transformações que afetaram a ciência, a literatura e as artes a partir do fim do século XIX. Transformações que não remetem apenas às crises das narrativas, mas também à crise dos seres humanos que tiveram suas bases culturais, fundamentadas pela ideia de unidade da civilização ocidental, completamente abaladas.

O saber, anteriormente legitimado pela ciência, sofreu um deslocamento quando foi revelado que o conhecimento era concebido por justificativas metafísicas, o que marca nossa transição para uma época repleta de incertezas, desconfiças e interpretações problemáticas que evidenciam a não-existência de verdades. Com o rompimento da lógica dualista da filosofia ocidental, tal deslocamento não influenciou apenas o saber científico, mas todos os âmbitos da tradição ocidental, principalmente os socioeconômicos e culturais (LYOTARD, 1986).

As diversas formas de utilização das inovações tecnológicas desenvolvidas nas últimas décadas propiciaram resinificações que culminaram na criação de novas práticas. Em meio às transformações vivenciadas no cotidiano das sociedades contemporâneas, nos deparamos com modificações contínuas. Testemunhamos ainda transformações que modificam constantemente a maneira como os seres humanos sentem o mundo. Surpreendemo-nos ainda com a criação de novos espaços que extrapolam limites que anteriormente foram geograficamente estabelecidos (PERNIOLA, 2005).

O Museu Virtual da Lusofonia é uma plataforma de cooperação que, através de uma rede de colaboradores em ciência, ensino e artes, busca fazer uma travessia como a elucida a metáfora da circum-navegação tecnológica. Trata-se de uma rede formada por investigadores, artistas, professores

e todos os cidadãos que desejam contribuir ativamente na construção de uma comunidade geocultural transnacional e transcontinental lusófona. Ao fazerem de aparelhos tecnológicos para produzir conteúdos que revelam a diversidade cultural do espaço lusófono e propiciam o aprendizado de uns sobre os outros, os colaboradores do MVL percorrem juntos um caminho que vai além da divisão continental. Se no passado as estrelas (e suas virtualidades narrativas) conduziam a humanidade, agora são os ecrãs que conduzem a nossa travessia. Travessia esta que valoriza a virtude do heterogêneo.

A interação entre nós e o outro em um complexo movimento de interpenetração das múltiplas culturas que compõem o universo lusófono, é guiada pela língua portuguesa. Para incentivar os ideais que constituem as virtudes de uma comunidade lusófona, é necessário pensar em investigações, iniciativas e projetos que nos conduzam pela simbólica batalha pela (re)afirmação da diversidade dos povos e culturas que fazem parte do espaço lusófono. Entre estas iniciativas, podemos citar as políticas da língua e da comunicação. Tais políticas são extremamente necessárias e de suma importância neste momento, tendo em vista o aumento significativo do número de falantes da língua portuguesa. Sendo o Museu Virtual da Lusofonia, um grande incentivador do diálogo transcultural. Uma ferramenta que promove a união de povos e culturas formadas por múltiplos imaginários.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **Meios sem fim**: notas sobre a política. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- ANDRADE, J. G. **Língua portuguesa global**: comunicar no panorama mediático Luso-brasileiro. Braga: UMinho Editora, 2021.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas volume I**: magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura, e história da cultural. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BICALHO, M. G. P.; MORAIS, R. C. R. **Ciberespaço e território**: construção de uma discussão interdisciplinar. Revista PerCursos, Florianópolis, v. 17, n. 34, p. 05 -23, mai./ago. 2016.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.
- COELHO, L. P.; DE MESQUITA, D. P. C. **Língua, cultura e identidade**: conceitos intrínsecos e interdependentes. Entreletras, Araguaína, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia**. Lisboa: Presença, 1992.

FOUCAULT, M. **Outros Espaços**. Ditos e Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GUATTARI, F.; DELEUZE, G. **Mil Platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

GOOGLE. **Toda a arte do mundo na ponta de seus dedos**. Retirado de: <<https://www.google.com/intl/pt-br/culturalinstitute/about/artproject/~>>.

HALL, S. **Das diásporas**: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Ecoteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger e Sayonara Amaral. In: SOVIK, Liv. (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARVEY, D. **O espaço como palavra-chave**. Em Pauta, v. 12, n. 35, p. 126-152, 2015.

_____. **The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of social change**. Oxford: Blackwell Publishers, 1989.

INTERNET WORLD STATS. **Top ten languages used in the web** - March 31, 2020. Miniwatts Marketing Group, 2020. Retirado de: <<https://www.internetworldstats.com/stats7.htm>>.

_____. **Top ten languages in the internet in millions of users** - April 2019. Miniwatts Marketing Group, 2019. Retirado de: <<https://www.internetworldstats.com/stats7.htm>>.

JORNAL EXPRESSO. **500 milhões de pessoas falarão português em 2100**. E a falar é que a gente se entende. 2022. Expresso. Retirado de: <<https://expresso.pt/revista/fisga/2022-04-21-500-milhoes-de-pessoas-falarao-portugues-em-2100.-E-a-falar-e-que-a-gente-se-entende-aa84a572>>.

LE MOS, A. **Ciberespaço e tecnologias móveis**: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. COMPOs, 2006. Retirado de: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2022.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LIMA, D. F. C. **O que se pode designar como museu virtual segundo os museus que assim se apresentam**. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, João Pessoa, 2013. Retirado de: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/685/GT%209%20Tt%2011-%20LIMA%2c%20Diana%20Farjalla%20Correia.%20O%20que%20se%20pode%20designa....pdf?sequence=1>>.

LYORTARD, J. F. **O Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1986.

MACEDO, L.; MARTINS, M. de L.; CABECINHAS, R. **Blogando a Lusofonia**: experiências em três países de língua oficial portuguesa. Anuário Internacional de Comunicação Lusófona, 2011. Retirado de: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/36686>>.

MARTINS, M. de L.; SOUSA, H.; CABECINHAS, R. (Ed.). **Comunicação e Lusofonia**. Para uma abordagem crítica da cultura e dos média. Porto: Campo das Letras, 2006. Disponível: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/30019>>.

MARTINS, M. de L. **Médias digitais e Lusofonia**. MARTINS, M. L. (Ed.). Lusofonia e Interculturalidade: Promessa e Travessia. Vila Nova de Famalicão: Editora Húmus, 2015.

_____. **Os países lusófonos e o desafio de uma circum-navegação tecnológica**. Comunicação e Sociedade, n. 34, p. 87 - 101, 2018.

_____. **Communication studies cartography in the Lusophone world.** Media, Culture and Society, v. 40, n. 3, p. 458-463, 2018. Retirado de: <<https://doi.org/10.1177/0163443717752812>>.

MOSCOVICI, S. **Social representations:** explorations in social psychology. Nova Iorque: New York University Press, 2001.

NARDINI, A. **O movimento hip hop no Taquaril:** expressões culturais e práticas políticas na zona leste de Belo Horizonte. Belo Horizonte, Universidade FUMEC, Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos, Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, 2018. Retirado de: <http://ppg.fumec.br/ecc/wp-content/uploads/2016/08/Disserta%C3%A7%C3%A3o-O-movimento-Hip-Hop-no-Taquaril-Alessandra-Nardini.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

ORIGEM DA PALAVRA. **Palavra território.** 2017. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/palavras/territorio/>>.

PERNIOLA, M. **Sex appeal do inorgânico.** Barueri: Studio Nobel, 2005.

RAJAGOPALAN, K. **O conceito de Identidade em lingüística:** é chegada a hora de uma consideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org.). Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicada.: São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

TRINDADE, E. C. A. **O olho que tudo vê:** a representação das cidades na fotografia de Doug Rickard e Michael Wolf. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, 2015. Retirado de: <http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/disserta_trindade_2015.pdf>

TSICHRITZIS, D.; GIBBS, S. **Virtual museums and virtual realities.** Proceedings of the international conference on hypermedia and interactivity in museums, p. 17-25. Pittsburgh: 1991.

VATTIMO, G.. **A sociedade transparente.** Tradução de Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.

VENÂNCIO, J. C. **Lusofonia e cânone lusófono.** Da controvérsia dos conceitos à manifestação de duas escritas a partir da margem. In: CRISTÓVÃO, Fernando (org.). Ensaios Lusófonos, p. 83-99. Coimbra: Almedina, 2013.